

12 ABR 1987

Cinzas e diamantes

GERALDO FORBES

Há determinados temas, em grande evidência neste momento, que são tratados pelos interessados — governo e certa espécie jornalística —, com enormes levandade e mendacidade. As maiores patra-nhas e baboseiras são repetidas impunemente pelos meios de comunicação, tanto por má-fé, quanto por burra-fé.

As vezes são os próprios jornais e TVs que estão a serviço de causas escusas; outras, são jornalistas acumuladores de cargos e vantagens, ostensivas e ocultas, que se encarregam de disseminar as inverdades. Isto para não falar das frequentíssimas ocasiões em que solertes repórteres, egressos (em estado de puro analfabetismo) das nossas magníficas faculdades de jornalismo, simplesmente passam adiante qualquer tolice que imaginam.

Em tal ambiente reagem os principais consumidores e fornecedores de notícias políticas que são os próprios políticos. Tendo-se em vista a baixa qualidade moral e cultural de suas excelências, as informações que finalmente chegam ao público e que vão conformar a nossa opinião são, quase sempre, distorcidas ou adulteradas. Tudo isto resulta no obscurecimento dos aspectos essenciais dos problemas em debate e a decorrente babel é de causar inveja às republiquetas africanas.

Neste mundo de mentiras, o exemplo vem de cima. A Nova República dos índices do ministro Funaro nada fica a dever à velha República dos índices do dr. Delfim, e, lá do Palácio do Crepúsculo, jorram os devaneios, paranóides uns, falsários outros, do dr. Sarney.

Por isto, como bem disse o auto-

a entrevista do presidente ao sr. Cláudio Abramo — este um jornalista às direitas, no plural — vale mais pelo que não foi dito. O quadro saído da sua paleta impressionista é o patético retrato de um homenzinho, provinciano confesso, ressentido mas vaidoso, ignorante e desentendido do que fez e do que há por fazer, totalmente despreparado para o cargo e que para o bem do País deveria ser remetido de volta a seus (mal) pagos amanhã mesmo, se possível.

Mas, eis alguns exemplos das confusões propagadas pelos arautos, voluntários e involuntários, do governinho de transição.

DÍVIDA EXTERNA A HISTÓRIA:

O deão Castello Branco diz em sua coluna, repetindo outro crédito, o dr. Ulysses, que o dr. Dilson obteve, como previu, a negociação das dívidas de curto prazo e das dívidas com o Clube de Paris, conseguindo ainda levantar internacionalmente o problema das dívidas dos países em desenvolvimento sem falar do apoio do Canadá, da Itália, de Portugal e alguns outros amigos secretos.

A VERDADE:

O dr. Dilson não equacionou o problema do curto prazo — o acordo temporário já venceu a 31 de março — e não conseguiu nada com o Clube de Paris, além do pagamento parcelado de atrasados. As pessoas informadas deste mundo já conhecem o problema da dívida desde o tempo em que o dr. Dilson fazia brinquedos e até agora ele não disse nada de novo. Não temos o apoio do Canadá; há um banco canadense, Bank of Montreal, pregando, como muitos outros, a conversão da dívida em capital. Portugal não conta e os

amigos secretos só existem nos delírios do ministro. É incrível o dr. Ulysses acreditar nisto e o Castelhano repetir.

O apoto, em tese, da Itália existe também nos Estados Unidos, na França, em todo lugar. Uma proposta de reestruturação racional e factível será sem dúvida aceita. Só falta a proposta. Coisa que o dr. Dilson e seus auxiliares não parecem capazes de redigir ou articular.

Mas que o público não se iluda. Mesmo assim, o País vai conseguir, logo, logo, um acordo com os credores, porque é isto o que eles querem. Qualquer tolo obterá um acordo rapidamente e em ótimas condições para nós. Com este governo, certamente vai sair pior do que a encomenda, mas vai sair. Não por causa do dr. Sarney ou do dr. Dilson. Vai sair apesar deles e por causa do Brasil.

INFLAÇÃO E RECESSÃO A HISTÓRIA:

A economia não vai tão mal, o pessimismo incutido pelos jornais é infundado, dizem os empresários.

A VERDADE:

Inflação de 12 a 15 por cento é câncer, é Aids. Só gente tapada pode dizer que 12 não é ruim, porque 20 é pior. Se os empresários, andam alegres, é porque não há mais controle de preços sobre seus oligopólios, ineficientes mas lucrativos. E o que é bom para nossos empresários não é necessariamente bom para o País. Ai o engano.

Não há dúvida de que o pior médico de nossos males é o governo regulador, que, inclusive, criou e amamentou os cartórios industriais. Isto não quer dizer que a melhor coi-

sa para um país, onde não há concorrência, seja a libertinagem capitalista.

O pessimismo é geral e não é infundado. Os patamares dos preços são falsos e o setor público continua a cavar os buracos em que se apoia a relativa bonança. Mas, até quando poderá a Petrobrás sonegar impostos para cobrir seu caixa?

E verdade, sim, que a economia não deveria ir mal, com esta safra, esta população e os nossos recursos. Só vai mal por causa da administração, que é péssima. E enquanto durar esta governinho, sobrarão razões para se ser pessimista.

FORÇAS ARMADAS A HISTÓRIAS

Em todos os países as Forças Armadas têm o papel de zelar pela segurança externa e interna. Assim também deve ser no Brasil, dizem os fardados, repetem Sarney e Ulysses.

A VERDADE:

Isto é uma daquelas meias verdades que valem uma grande mentira. Em todas as democracias modernas as Forças Armadas só cuidam da segurança interna quando a tanto convocadas pelo presidente, com aprovação do Congresso. Ai a diferença fundamental, convenientemente esquecida pelos generais e seus ajudantes-de-ordens no poder.

Se a Constituinte não incluir esta cláusula de expressa submissão do poder militar ao poder civil, recomenda-se a todos que tratem de obter vistos de imigração em seus passaportes.

Antes que um novo "pronunciamento" atrase ainda mais o País.

E para não ver todas as esperanças reduzidas a cinzas.